

UMA NARRATIVA DA NATUREZA: O MUNDO DAS LUZES E SUAS SENSIBILIDADES

Janaina Zito Losada¹

O longínquo é a distância no espaço e no tempo, é a referência a homens de outros tempos e lugares evocados pela força do pensamento e da imaginação.²

Convido a refletirmos o pensamento ilustrado através dos sentidos e sentimentos dos homens em relação à natureza. Utilitária, imersa na ordem da economia e das idéias setecentistas, a imagem da natureza, científica e moderna, deixa pouco espaço para a percepção de outros universos adjacentes a esta experiência. É a experiência do sentido, que através dos suspiros e debaixo da distância desejada pela objetividade das luzes, se deixa notar.

A paixão, desejo ou aversão, prazer ou dor, movimento irregular do espírito animal, como no vocábulo da Enciclopédia Francesa de Diderot e D'Alambert, tocou as experiências e as idéias dos homens de letras da sociedade imperial portuguesa, e marcou as viagens de observação e de posse dos territórios coloniais. Viagens filosóficas, já tão dissecadas pela historiografia brasileira ou portuguesa, viagens que produziram intensa e diversificada documentação, viagens oficiais, realizadas por funcionários da coroa, doutores formados em Coimbra, com o objetivo de observar, delimitar, descrever tudo o possível, para melhor administrar e enriquecer. Era o enriquecimento da coroa que estava em jogo, e também o enriquecimento das ciências.

Missões oficiais, as viagens filosóficas, afastam-se de toda a idéia de viagem contemporânea. De início duravam anos sendo repletas de transtornos! Problemas com as hospedagens, ou com as sociedades que recebem estes viajantes, problemas com o transporte nas travessias de rios e cachoeiras, problemas com o grupo que o acompanha, problemas de saúde, são experiências comuns em vários documentos que relatam tais

viagens. Para está análise escolhemos duas viagens, realizadas em diferentes continentes, em diferentes tempos, por um mesmo homem. Mato Grosso, 1780. Moçambique, 1798. Francisco José de Lacerda e Almeida, astrônomo, doutor em Coimbra, governador dos Rios do Sena em Moçambique. Nascido na cidade de São Paulo, sua biografia esteve marcada pela viagem ao Mato Grosso, sendo a expedição pela África, apenas mencionada por Maria Beatriz Nizza da Silva no Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil³.

Mais penosa, mais trabalhosa, a expedição pela África vai ficar inconclusa, o viajante morre, a comitiva se desfaz, não se cumprem os desejos iniciais. Prazer e dor acompanham o viajante, desejo, frustração e desespero!

Se acompanharmos o verbete paixão da Enciclopédia, nos deparamos com as doces cores da paisagem, a percepção de suas belezas, a satisfação dos desejos⁴. Busca incessante do século XVIII, marcas na pintura e na poesia, certamente um universo que afeta também os homens de ciência e denotam as marcas de um tempo. O astrônomo, em sua paixão pelo conhecimento, dialoga com o pensamento clássico, citando: Cícero, Demóstenes, Plínio, Horácio e Hipócrates. Tradição do pensamento setecentista a citação da filosofia antiga vinha trazer erudição e monumentalidade aos áridos relatos acadêmicos. Vinha mostrar seus desejos. Desejos na descrição da natureza.

As águas boas e cristalinas do lago Tucunaré, Mato Grosso, em 12 de outubro de 1781, trazem para Lacerda de Almeida a calma em meio a uma viagem que acabava de sobreviver a um ataque indígena. A abundância da caça, que excedia a necessidade dos homens, também trazia certa tranquilidade, assim das 260 tartarugas “viradas” pouco menos de 100 foram recolhidas às canoas. Tranquilidade que precedia as 70 léguas, e dezessete cachoeiras que o viajante levaria setenta dias atravessando no Mato Grosso. Desejos satisfeitos o viajante passou 8 anos reconhecendo e estudando os terrenos e

medindo e demarcando as posições de um mapa. Lugares, longitudes, solos, vilas, cachoeiras, no discurso do astrônomo, as regras de um tempo.

Marcadas pelo estado e suas instituições, estas regras do discurso, na produção de relatos, cartas e memórias foram seguidas pelo viajante nas duas viagens que analisamos. Na África escreve até sua doença o impedir, até a morte se aproximar. Na tradição dos diários de viagens, lemos as notas feitas para a garantia da memória, observações que ajudavam a constituir o método das ciências, e informar ao estado sobre suas próprias terras. A localização dos gentios Munducurus, animosos nas linhas do seu diário, a descrição de altíssimas barreiras de ocre de cores diferentes, as fortalezas e os povoados que encontrava pelo caminho⁵.

Os homens de ciência deveriam notar a longitude e latitude do lugar, o céu, o seu clima, as suas dimensões, a sua situação a respeito dos pontos cardeais do mundo, a sua figura, passando à observação e descrição de coisas mais particulares, os montes, a natureza dos terrenos, os homens e por fim a estrutura do terreno. Quanto à natureza do terreno, sugerem as Instruções aos Correspondentes da Academia de Ciências de Lisboa:

...devem expôr, quaes são os animaes terrestres, volateis, e insectos de todas as especies, que nelle se produzem e habitão; quaes os vegetaveis, que nelle nascem; quaes são os mineraes, que das suas entranhas se costumam, ou podem extrahir em maior abundancia; quaes finalmente são os usos, a que os habitantes do paiz applicão todos estes productos, e os que se podem ter na Sociedade.⁶

Vemos, assim, no diário do astrônomo a resposta às ordens recebidas, as pimentas, as carnes, os peixes, que apareciam em abundância. Produtos e usos. Animais, vegetais e minerais. Idéias recorrentes que atravessam a Enciclopédia, as Instruções da Academia e o viajante. Também percebemos a busca de um olhar onde a astronomia se estabelece na medição e nas marcas da leituras, onde os solos, os animais, os cursos dos rios ganham destaque. Um saber generalista de uma sociedade

que via no quadro sua máxima metáfora, projeto longínquo da exaustiva colocação em ordem, afirmava Michel Foucault⁷. Sistemas contemporâneos a si próprios, detalhamentos, localização, descrição e remessas, rastros de algumas experiências, que nos permitem uma possível narrativa da história das idéias de natureza. Na Enciclopédia podemos ler:

A primeira coisa que nossas sensações nos ensinam e que mesmo delas não está separada, é nossa existência (...) nossas primeiras idéias refletidas devem recair sobre nós (...). O segundo conhecimento que devemos às nossas sensações é a existência dos objetos exteriores, entre os quais nosso próprio corpo deve estar incluído, visto que nos é, por assim dizer, exterior, mesmo antes de termos discernido a natureza do princípio que pensa em nós. (...)⁸

Sensações dos objetos exteriores, Lacerda e Almeida descrevia os indígenas que encontrava, afirmando que aqueles que habitavam “nas cabeceiras destes rios usam de armas de fogo, de vestidos de pano, adquirido tudo do comércio dos mesmos holandeses”⁹. Descrevia com naturalidade o consumo de carne de tartaruga e a fartura da caça, que sustentando a tropa fazia andar a viagem. Os dias são marcados em léguas e acontecimentos, no diário, podemos escolher o registro de um dia de 1786:

Maio 2 – Tendo andado 2 léguas, pusemo-nos a pé para passarmos o chamado Barreiro, que é um famoso alagado, por cujo meio passa um ribeirão, e, mergulhados em água e lama até a cintura, gastamos duas horas em passá-lo, sendo tão pouco largo que não chega a ter (um quarto) de légua. Seguimos viagem para diante mais 2 léguas, que vem a ser até o encontro do rio Guaporé, onde fizemos alto, e falhamos o dia 3 para enxugarmos a roupa, que dentro das caixas se tinha molhado naquela passagem, e para curarmos os pés estropeados nos espinhos e paus, que estavam mergulhados na lama.¹⁰

Acontecimentos e léguas que deixam ver as dificuldades vividas em contingência do meio natural, a dificuldade coroada pelo êxito, a natureza sendo transposta pela persistência, o homem vencendo a natureza. A natureza espaço das inúmeras e caudalosas chuvas, das perigosas e violentas correntezas, dos animais que permitiam o

alimento e às vezes o susto, é ainda abrigo de um outro temido e inimigo, na percepção ilustrada do viajante – o indígena.

As tribos indígenas eram mapeadas nos rios, remansos e praias. Saber da “docilidade” ou da resistência de homens que tinham seu território atravessado, era a compreensão do viajante deste território que, segundo Mary Luise Pratt, constituía uma zona de contato¹¹, onde as narrativas de experiências, que atravessam os indivíduos, são também, o relato de uma aventura. Uma aventura onde o eu e o outro são muito bem delimitados, não deixando dúvidas do afastamento que o homem de letras colocava entre ele e este outro mundo – da natureza, dos indígenas. Em 1780, ele descreve:

Setembro 23 – Tendo navegado 1 (e meia) léguas fomos atacados pelo gentio, que, do mato e sem serem vistos, despediram imensas flexas sobre a minha canoa, com tal felicidade nossa, que nenhuma feriram, escapando muitos pelas voltas que davam ao corpo, quando as viam em directura a si: eu escapei de ser atravessado por uma pelo pescoço. Acabado o conflito em que estive a minha canoa em grande perigo, porque os remeiros se deitaram logo nágua para se ampararem com a outra borda da canoa, e a na ser socorrida da canoa do Capitão e da do Padre Capelão, que não foram atacadas fortemente, alguma desgraça sucederia; nos demoramos em uma praia fronteira a este lugar, de onde se mandou sem fruto dar caça ao gentio; e depois desta diligência continuamos a marcha e andamos neste dia 3 (e meia) léguas.¹²

Sem frutos para Lacerda e Almeida! Um acidente? Um acontecimento a ser relatado, uma leitura acadêmica; científica e descritiva, e definitivamente posicionada, que naturaliza a “caça ao gentio”, justificando-a como forma de sua própria sobrevivência, atestando os perigos dos sertões e matas, trazendo uma constante percepção de perigo e hostilidade, invertendo seu papel primeiro de colonizador que delimita o território, pontuando a existência dos outros somente a partir de seu próprio contato pontual. Um acidente no percurso? Constituiriam, os encontros com as tribos indígenas, mais um obstáculo da natureza? Como as serras, as friagens, os descuidos dos homens?

A crítica ao companheiro da viagem de demarcação e de estudos em Coimbra, o também doutor Antonio Pires da Silva Pontes marcam os limites do diário. Não pouco comum no decorrer dos diários de Lacerda e Almeida, a menção aos indivíduos que acompanharam as expedições não limitam-se à Pontes, sobre ele, podemos ler no viajante:

Como meu companheiro e colega, o dr. Pontes, ia distraído com as suas filosofias, gastando muita parte do dia em copiar macacos, ratos, etc., deixava por este motivo passar em claro muitos ramos, dando ao rio curso diferente do que na realidade tinha, resolvi-me desde este dia a configurá-lo diariamente.¹³

A configuração dos rios, obrigação da viagem, desmerecia o registro dos animais encontrados. Havia prioridades, mapear caminhos e localizar as riquezas eram sem dúvida seu objetivo. A riqueza das ágatas, colocavam a paisagem analisada junto a poucas no mundo, afirmava Lacerda e Almeida, a identificação da rica paisagem feita por Pontes, redime-o por anteriores descuidos.

Enquanto isso a natureza o fazia experimentar as águas soberbas, os amanheceres tempestuosos, os inúmeros morcegos, animais de saborosos gostos, e os pantanais que faziam perder-se, ora terra da promessa, ora covil de miseráveis. Águas claras de um rio fúnebre, é o Taquari Mirim, onde a obra da natureza é nas letras do viajante digna de ser vista, no rio Paraná admira-se em atravessar uma ladeira de águas, onde o ar é temperado e a alegria renasce¹⁴.

Alegria, esperança, medo, sofrimento, a natureza é fonte inesgotável de sensações, além de objeto a ser descrito, e no caso de Lacerda e Almeida medido, localizando. As latitudes e longitudes sejam talvez a grande riqueza do seu diário, riqueza para a história que busca a monumentalidade do que desapareceu, ou a inevitabilidade daquilo que muda, medidas que a partir de Paris desenham uma outra grade na representação do planeta.

Para Sérgio Buarque de Holanda, que em 1944 prefacia os *Diários de Viagem*, publicados pela imprensa nacional, Lacerda e Almeida, foi ao lado de Alexandre Rodrigues Ferreira, o “iniciador, no Brasil, das grandes expedições de caráter científico”¹⁵. Para Holanda, o astrônomo se restringia a observação direta dos fatos testemunhada em uma narração concisa.

Retomemos o viajante:

Maio 6 – Não obstante a falta de duas ou três bestas, que se meteram pelo mato, marchamos pelas 9 horas e, tendo andado 10 léguas, chegamos pelas 7 horas da noite à casa de um velho, onde fomos agasalhados com carinho e caridade. Foi tanto o carrapato que apanhamos no caminho, que por três dias nos vimos desesperados, não obstante nós estamos sempre banhando com aguardente e fumo. Deixaram-me sarnas, de que só me vi livre no fim de dez dias.¹⁶

Desesperado e acolhido são as sensações que o relato deixa ver. Dor ou prazer, desejo ou aversão são, neste mundo de luzes e sombras, o movimento irregular do espírito animal, a própria paixão ou desespero do homem. Sensibilidades que se pretenderam inexistentes e assim por muito tempo foram lidas. Sensibilidades que nos permitem compreender uma experiência através de uma narrativa, ver a natureza através do relato de um homem, mesmo quando ela aparece nas terríveis imagens das sarnas. Natureza culturalizada¹⁷, domesticada e dramática¹⁸, objeto de relatos e relatórios; narrativas que permitem reconstruir os caminhos dos discursos e das idéias, os caminhos de viagens e da própria história.

Das lamas, das águas, das riquezas, das moléstias, o homem estava no meio, era dele dependente, ora vítima, ora conquistador, o homem de letras e ciência, vivia nos cruzamentos destes muitos espaços, dos gabinetes e academias, às matas e desertos, da oficialidade portuguesa, à corte do rei de Cazembe, passando pela demarcação das fronteiras coloniais do Império Português na América, Lacerda e Almeida, vai acompanhar o desenvolvimento da escrita da história no Brasil, dos antigos documentos publicados

pelo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro no século XIX, ou pelo estado nacionalista brasileiro dos anos 40, ele e sua geração figuram nas muitas páginas das histórias que contamos, hoje percebendo seus discursos, e seus silenciamentos, seus sentidos e sentimentos, colocando-os junto aos desejos curiosos de seu tempo, nas margens de muitos conflitos e obrigações, nas fronteiras de muitas idéias, nas experiências de homens que como ensinou Lenoble, estavam já afastados da Natureza, vivendo nas cidades hábitos artificiais, onde ela, além de objeto da razão era a inspiração dos sentimentos¹⁹.

Este descompasso entre a inspiração e a experiência encontrou no distanciamento promovido pelos discursos científicos sua guarida, distanciamento interpretado nos limites dos jogos discursivos que formam as suas identidades, sistemas de sujeição²⁰ de discursos efetivados no interior de um estado colonialista e absoluto que o reafirma. Máquina do universo, disposição de todas as qualidades, terra onde eu nasci, no dicionário de Rafael Bluteau²¹, a natureza, vai, na forma de um antigo enigma, exigir decifração. E no medo de ser devorado, o homem ilumina, racionaliza, descreve, registra, inventa, cobre de luzes as sombras, toma posse, narra seu mundo, e a partir de sua narração permite-nos contar uma história.

¹ Doutoranda em História, UFPR, e docente nas Faculdades Integradas Curitiba.

² MATOS, Olgária. *Céu de Capricórnio e a tristeza do Brasil*. In.: NOVAES, Adauto. *A outra margem do ocidente*. São Paulo: MINC/Funarte/Companhia das Letras. 1999. P. 440

³ SILVA, Maria Beatriz Nizza da. (org.) *Dicionário da História da Colonização Portuguesa no Brasil*. Lisboa/São Paulo: Verbo, 1994. p. 47

⁴ *ENCYCLOPÉDIE ou Dictionnaire raisonné des sciences, des arts et des métiers*. Tome douzième, PARL-POL / par une société de gens de lettres ; mis en ordre et publié par M. ***; consultado em www.gallica.bnf.fr.

⁵ ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. *Diários de Viagem*. Ministério da Educação e Saúde INSTITUTO POPULAR DO LIVRO. Biblioteca Popular Brasileira, XVIII. Rio de Janeiro: Imprensa nacional, 1944.

⁶ *BREVES Instruções Aos Correspondentes da Academia das Sciencias de Lisboa sobre as Remessas dos produtos e notícias pertencentes à História da Natureza, para formar um museu nacional*. LISBOA, NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA, ANNO M.DCC.LXXXI. Com licença da Real Mesa Censoria.s/p

⁷ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 9.ª edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 103

⁸ *ENCICLOPÉDIA ou dicionário raciocinado das ciências das artes do ofício*. Por uma sociedade de letrados. São Paulo: ed. UNESP, 1989. p. 23.

⁹ Opus cit ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. p. 06

¹⁰ *ibid.* p. 35

¹¹ PRATT, Mary Louise. *Os olhos do império: relatos de viagem e transculturação*. Bauru/São Paulo: Edusc, 1999. p. 137

¹² opus cit. ALMEIDA, Francisco José de Lacerda. P. 21

¹³ ibid. p.41

¹⁴ ibid. p. 80

¹⁵ ibid. p. XVI

¹⁶ ibid. p. 36

¹⁷ SILVA, Wilton Carlos Lima da. *As terras inventadas: discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. Editora da Unesp. São Paulo, 2003. P. 179

¹⁸ DEAN, Warren. *A ferro e a fogo: a história e a devastação da mata atlântica Brasileira*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 156

¹⁹ LENOBLE, Robert. *História da idéia de natureza*. Lisboa: Edições 70: 1990. p. 300

²⁰ FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. 9.^a edição. São Paulo: Edições Loyola, 2003. p. 69

²¹ *Vocabulário portuguez e latino... autorizado com exemplos dos melhores escritores e offerecido a el rey de Portugal D. João V, pelo padre D. Raphael Bluteau. Coimbra, anno de 1713*. Versão digital do Centro de Documentação e Pesquisa de História dos Domínios Portugueses/UFPR.